



## **Diálogos entre *Mnemosinee Clio*: a representação do passado da cidade na narrativa de Athos Damasceno**

Gabriela Correa da Silva\*

**Resumo:** Este trabalho busca investigar como se dá a representação do passado de Porto Alegre elaborada pelo escritor Athos Damasceno Ferreira (1902-1975). As fontes são alguns dos estudos históricos do autor publicados na década de quarenta, tais como “Imagens Sentimentais da Cidade” (1940) e “Sacadas e Sacadinhas Porto-alegrenses” (1945). Athos Damasceno teve uma atividade intelectual bastante diversificada, mas, seja como poeta, cronista ou historiador, é flagrante seu interesse pela história cultural, por ele acionada através do estudo do cotidiano da cidade, seu objeto de pesquisa favorito. Nesse sentido, é possível afirmar que o contexto de modernização e urbanização da capital, experimentado a partir dos anos 1940, motivou a abordagem de duas questões fundamentais. A primeira delas é a problemática da identidade dos cidadãos porto-alegrenses, fragilizada diante do advento das transformações do espaço urbano. A segunda questão, diretamente ligada à primeira, refere-se às relações do autor e da sociedade com o tempo. A hipótese deste estudo é de que possivelmente esteja em questão um momento de crise de tais relações, espelhado nos interesses de pesquisa de diversos intelectuais. Com sua narrativa, Athos Damasceno investe na afirmação da continuidade temporal de uma identidade local, que se debilitava em razão da aceleração da temporalidade. Desse modo, sua escrita evidencia a indissociável relação dialógica entre memória e história. O que se quer explorar, portanto, é o fato de que o autor, ao investir no estudo dos costumes, práticas e manifestações culturais dos habitantes da capital, dá a ver determinada face da identidade da cidade e seus habitantes.

**Palavras-chave:** representação; identidade; urbanização

**Abstract:** The goal of this article is to investigate how the Porto Alegre past representation developed by Athos Damasceno Ferreira (1902-1975). The sources are some of his historical studies published in the forties as “Imagens Sentimentais da Cidade” (1940) and “Sacadas e Sacadinhas Porto-alegrenses” (1945). Athos Damasceno had a very diverse

---

\* Mestranda em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Licenciada em História pela UFRGS. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Contato: [gabicorrea.s@hotmail.com](mailto:gabicorrea.s@hotmail.com).



intellectual activity, but, whether as poet, historian or chronicler, is notable his interest by cultural history, operated through the study of everyday life of the city. In this sense, is possible affirm the context of capital's modernization and urbanization, lived more intensely after forties, stimulated the approach of two fundamental questions. First question is the problem of porto-alegrenses identity, weakened in front of the advent of urban space transformations. The second question, directly associated with the first, refers to the relationships between author and society with the time. The hypothesis of this study is that it is possibly a moment of crisis in such relationships, observable in the search's choices of several intellectuals. With his narrative, Athos Damasceno invests efforts in the affirmation of temporal continuity of local identity, weakened as a result of temporality acceleration. Due to this, his writing shows the inseparable relationship between memory and history. What this work explores, therefore, is the fact that the author show us determined local identity's face. It is possible through the study of city customs, practices and cultural manifestations.

**Keywords:** representation; identity; urbanization

## *Umescritor da cidade*

Athos Damasceno (1902-1975) consagrou-se enquanto escritor de literatura e de história tendo a cidade de Porto Alegre como seu objeto favorito<sup>1</sup>. Ele preferia ser chamado de escritor. Nem poeta, nem romancista, nem historiador. Apenas escritor<sup>2</sup>. Talvez seja mesmo a maneira mais adequada de se referir a um autor que, como tantos de sua época, se dedicou a muitas áreas. A partir dos anos 1940, entretanto, há uma maior ênfase nos interesses do autor pelos estudos históricos, tendo ingressado no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRGS) em 1957.

---

<sup>1</sup> No tocante à atração do autor pela cidade, é interessante o pronunciamento de Sérgio da Costa Franco, em função da homenagem prestada a Damasceno, eleito patrono da Feira do Livro em 1974, no ano do seu falecimento: "Não o atraiu a historiografia convencional, das batalhas e insurreições. O que o seduziu, decididamente, foi o inventário das manifestações culturais da província, o levantamento do cotidiano e do permanente. Poucos, como ele, amaram tanto esta cidade. Mas é justo que se proclame: não nutriu por ela a afeição piegas de um saudosista romântico. Amou-a com olho clínico, rindo-se, pilheriando, e até castigando-a com sua mordacidade. Tudo nele refletia, aliás, o homem urbano, com fortes raízes anímicas na rua, no bar, no café, na redação do jornal, onde o espírito se aguça e vai acumulando heranças de sutileza e engenho." In: FRANCO, Sérgio da Costa. "Aqui confluem todos os anos os melhores amigos do livro". *Correio do Povo*, Porto Alegre, 25 de outubro de 1975, p. 11.

<sup>2</sup> FERREIRA, Athos Damasceno. "Herói é o homem de todos os dias". *Correio do Povo*, Porto Alegre, 22 de dez. 1974. Entrevista à SONDERMANN, Susana, p. 23.



Este artigo busca investigar como é representação do passado de Porto Alegre elaborada pelo referido pesquisador. As fontes são alguns dos seus estudos históricos publicados na década de quarenta tais como “Imagens Sentimentais da Cidade” (1940) e “Sacadas e Sacadinhas Porto-alegrenses” (1945). Como apontado, Damasceno teve uma atividade intelectual bastante diversificada, mas, seja como poeta, cronista ou historiador, é flagrante seu interesse pela história cultural, por ele acionada através *do estudo do cotidiano da cidade*, seu objeto de pesquisa favorito.

Penso que, ao dedicar-se ao estudo do passado da Capital, Damasceno investiu em duas questões fundamentais, que serão aqui exploradas. A primeira delas é a problemática da identidade dos cidadãos porto-alegrenses, fragilizada diante do advento das transformações do espaço urbano em voga a partir dos anos 1940 (MONTEIRO, 2006). A segunda questão, diretamente ligada à primeira, refere-se às relações do autor e da sociedade com o *tempo*, que também passam a sofrer alterações<sup>3</sup>.

De acordo com Monteiro (2006a) neste período a sociedade porto-alegrense experimentava uma “aceleração da temporalidade”. A experiência do fenômeno teria gerado na população local uma *demandade memória*, a qual foi contemplada na obra dos intelectuais que escreviam sobre a cidade<sup>4</sup>. Segundo o autor, a Porto Alegre de meados do século XX passou por diversas transformações na paisagem urbana e na forma de gestão do espaço. A partir dos anos 1940, houve um grande crescimento da população urbana e da área da cidade, que se estendeu e alcançou municípios vizinhos, integrando-os através de um processo de *conurbação*. Esse movimento foi acompanhado pela verticalização da cidade através da construção de edifícios, de escritórios e de apartamentos na área central. Foi uma época de

<sup>3</sup>Considero aqui, conforme Pierre Bourdieu (2000), a *identidade* como a percepção de pertencimento a um grupo em especial e de alteridade em relação a outros grupos sociais. Nesse sentido, há uma observação de Sandra Pesavento (1993) que auxilia na compreensão do conceito de identidade. Segundo a autora, a coletividade identifica-se por uma série de atributos que a distinguem e a individualizam, uma vez que existir socialmente é ser percebido como distinto: “o processo é, ao mesmo tempo, pessoal e coletivo: cada indivíduo se define em relação a um “nós” que por sua vez se diferencia dos “outros”. A definição de uma identidade própria forma, por assim dizer, uma base de coesão social, uma corrente de identificações e significados de compreensão mútua.” (PESAVENTO, 1993, p. 384)

<sup>4</sup>Nesse sentido é interessante a interpretação de Ricoeur (2007) que, ao refletir sobre as causas da fragilidade da memória (que leva à manipulação da memória manifesta em excesso, abuso e, às vezes, à sua insuficiência) aborda a questão em termos de um cruzamento entre a problemática da memória e da identidade. Assim, é a partir da problemática da identidade que ele busca as causas da fragilidade da memória. Para o autor, duas causas da *fragilidade da identidade* seriam a sua difícil relação com o tempo “*dificuldade primária que, precisamente, justifica recurso à memória, enquanto componente temporal da identidade, juntamente com a avaliação do presente e a projeção do futuro*” e o confronto com outrem, percebido como uma ameaça: “*é um fato que o outro, por ser outro, passa a ser percebido como um perigo para a identidade própria, tanto a do nós, como a do eu.*” (RICOEUR, 2007, p.94)



diversas reformas urbanas realizadas pelo poder público, acompanhadas de uma série de desapropriações e demolições.

Para avançar na questão, é fundamental atentarmos à reflexão de François Hartog(2003; 2013) quanto aos *regimes de historicidade*. A noção contribui para a compreensão da concepção de tempo presente na narrativa do autor aqui analisado. Tais regimes são compreendidos por Hartog como uma expressão da experiência temporal, que não marcam o tempo de forma neutra, mas sim organizam o passado como uma sequência de estruturas. Dessa forma:

Trata-se de um enquadramento acadêmico da experiência (*Erfahrung*) do tempo, que, em contrapartida, conforma nossos modos de discorrer acerca de e de vivenciar nosso próprio tempo. Abre a possibilidade de e também circunscreve um espaço para obrar e pensar. Dota de um ritmo a marca do tempo, e representa, como se o fosse, uma “ordem” do tempo, à qual pode-se subscrever ou, ao contrário, e o que ocorre na maioria das vezes, tentar evadir-se, buscando elaborar alguma alternativa. (HARTOG, 2003, p. 12)

Conforme o autor, no antigo regime de historicidade, predominante até a Revolução Francesa, o *topos* da história mestra da vida era plenamente válido. No regime moderno, emergente da experiência da Revolução, o foco passa a se direcionar ao futuro, tornando-se o passado obsoleto. As divisões entre um e outro regime não são automáticas. Hartog destaca que um regime não é uma “entidade metafísica”, mas um arcabouço durável, que é desafiadólogo que se torna predominante. Dessa forma, existem diversos momentos em que há o seu questionamento, o que não necessariamente leva ao seu esgotamento ou sucessão.

No caso europeu, mais especificamente francês, o regime moderno, após décadas de questionamento, sobretudo nos períodos dos pós-guerras, foi sucedido pelo que o autor chama de *presentismo*, marcado por uma ânsia de memória e de identidade, obcecado pela comemoração: “Assim fomos do futurismo para o presentismo e ficamos habitando um presente hipertrofiado que tem a pretensão de ser seu próprio horizonte: sem passado sem futuro, ou a gerar seu próprio passado e seu próprio futuro” (HARTOG, 2003, p. 27). Não se trata, evidentemente, de transpor a experiência europeia narrada pelo historiador francês artificialmente para o contexto regional, mas sim investigar a relação que o autor aqui estudado estabelece com o tempo e as maneiras por meio das quais articula passado, presente e futuro em sua narrativa. Com isso, talvez seja possível compreender uma das tantas concepções de tempo que coexistiam na sociedade brasileira de meados do século XX.



A minha hipótese é de que a narrativa de Athos Damasceno para o advento, na década de 1940, de um momento no qual as relações da sociedade porto-alegrense com o tempo entraram em crise. Talvez esteja em questão, portanto, aquilo que François Hartog descreve como um período em que o *regime de historicidade* dominante está sendo questionado, isto é, um momento de “brechas no tempo”, o que não pressupõe necessariamente o seu encerramento. Essa crise esteve imbricada à fragilização da identidade desta sociedade e, com sua narrativa, Athos Damasceno investe na afirmação da continuidade temporal de determinada identidade local. Desse modo, sua escrita evidencia a indissociável relação dialógica entre memória e história. O que se quer explorar, nas linhas que seguem, é o fato de que o autor, ao investir no estudo dos costumes, práticas e manifestações culturais dos habitantes da capital, dá a ver determinada face da identidade da cidade e seus habitantes.

## Identidade e tempo na narrativa de Athos Damasceno

Sacadas e sacadinhas que, ainda sobram por aí, serão fatalmente, amanhã ou depois [...], destruídas. Delas só nos ficará a lembrança. A lembrança do tempo em que foram o ornamento por excelência da casa dos nossos avós, a cuja vida tão intimamente estavam vinculadas [...] que nossos antepassados chegavam a reunir-se nelas para, diante da objetiva dos tateantes retratistas de então, posarem para a posteridade. Vi – palavra de honra!- uma fotografia assim. (FERREIRA, 1974, p. 61)

No artigo publicado pela primeira vez em 1945<sup>5</sup>, Damasceno constrói um retrato textual do passado da casa porto-alegrense. Sua escrita é também um apelo para que se proceda à salvaguarda das *sacadinhas*, que estariam se reduzindo a cada dia, o que exigia um levantamento em regra e um inventário rigoroso, “*A fim de que se não perca ou esqueça o que sobrou de melhor e mais aproveitável na nossa atrapalhada arquitetura urbana*” (FERREIRA, 1974, p. 46). Não se tratava apenas de uma sacada ou de um sobrado, mas de uma identidade que se debilitava: “*Trata-se, isto sim, de nós mesmos que a toda hora desaparecemos um pouco, descaracterizando-nos*” (p. 60).

Tendo em vista o que foi exposto, é tempo de indagarmos sobre quem são os antepassados evocados na epígrafe e quais são as facetas do porto-alegrense que estão sob o risco do esquecimento. A narrativa de Athos Damasceno é baseada na matriz lusitana da formação sul-rio-grandense. Os ascendentes aqui são, portanto, os açorianos. Desse modo, a

<sup>5</sup> FERREIRA, Athos Damasceno. “Sacadas e Sacadinhas Porto-Alegrenses”. In: *Província de São Pedro*. Porto Alegre: Ed. Globo, v. 1, nº 2, set. 1945, p. 63-76. O texto também foi republicado em 1974, no livro de Damasceno intitulado “Colóquios com a minha Cidade”.



hipótese que sustento é a de que está presente na escrita de Damasceno uma *retórica da identidade*<sup>6</sup> sul-rio-grandense, e não apenas do porto-alegrense. Assim, o passado é utilizado a fim de afirmar uma identidade nacional para a região, periodicamente questionada. Para conformá-la, o autor constrói uma narrativa do passado em que predomina o pertencimento da coletividade à cultura açoriana, entendida como fator de ligação com o restante do país. O *outro* dessa identidade é o hispânico, na figura dos vizinhos da região do Prata. É, em parte, pela exclusão da influência espanhola na constituição da identidade do gaúcho que o autor opera seu relato sobre o passado da região. A discussão é bastante conhecida e já foi tema de diversos trabalhos<sup>7</sup>. A particularidade da narrativa de Athos Damasceno, entretanto, reside no fato de que ela é uma das primeiras a introduzir o estudo da história da cidade e da cultura no Rio Grande do Sul.

Em relação à questão, é imprescindível comentar a influência do culturalismo de Gilberto Freyre na obra de Damasceno e de sua geração, como já foi apontado por Nedel (2005, 2007) e Pesavento (2006) e esclarecer o lugar reservado a ela na interpretação que proponho dos estudos de Athos. Assumindo essa influência como uma das chaves de leitura da obra do autor e buscando avançar nas potencialidades explicativas dessa inspiração, lembro aqui do paralelo que Peter Burke (1997) realiza entre a história que Gilberto Freyre escreveu a partir dos anos 1930 e a *Nova História* praticada na França a partir dos anos 1960<sup>8</sup>. Longe de

---

<sup>6</sup> A expressão é utilizada por Temístocles Cezar (2006) para referir-se à cultura historiográfica oitocentista. Ela caracteriza um discurso destinado a convencer e a persuadir os brasileiros de que partilhavam um passado em comum, bem como o presente com a mesma identidade.

<sup>7</sup> Ieda Gutfreind (1998), ao analisar a historiografia sul-rio-grandense entre 1925 e 1975 utiliza as expressões “lusitanistas” e “platinistas” para explicar as diferentes propostas explicativas da identidade do Rio Grande do Sul. Letícia Nedel (1999, 2005) avança na questão compreendendo o discurso enunciado a partir desses grupos como uma tentativa de “enquadramento” de uma memória oficial. Segundo Nedel, a visão enaltecida do gaúcho foi forjada no final do século XIX e esteve marcada pela mobilização pró-republicana e federativista. Na historiografia do período configurou-se uma matriz interpretativa *platinista* acerca das “origens” do estado. Tal tendência buscava fundamentar as demandas políticas do governo estadual republicano apresentando-as como o acabamento final das divergências entre o estado e o Brasil. Entretanto, a excessiva ênfase dada à autonomia e ao isolacionismo logo apresentou efeitos politicamente negativos às elites políticas locais. O principal deles foi contribuir à fundamentação do estigma imputado ao Rio Grande do Sul de “corpo estranho à nação”, por pensadores do centro do país, como por exemplo, José Veríssimo, autor da expressão (LOVE, 1989). Na historiografia, com a criação do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (1921) começaram a se impor as primeiras revisões, que tinham como expoentes Souza Docca e Othelo Rosa, sócios da instituição. As relações da Província com o Prata passaram, então, a se pautar na narrativa da resistência dos brasileiros aos invasores espanhóis, num esforço de reenquadramento da memória regional (NEDEL, 2007). Parte das afirmações de Athos Damasceno acerca da identidade açoriana/brasileira do estado pode ser compreendidas por meio de sua inserção nesse debate geral. Ressalte-se, no entanto, o expressivo número de divergências no interior do Instituto. Sobre o assunto ver: NEDEL (2004).

<sup>8</sup> Os pontos de contato entre os interesses de Freyre e a nova história são diversos e passam por um grande interesse pela história da alimentação, da habitação, do vestuário, a história do cotidiano, a história íntima (equivalente à história da vida privada de Georges Duby e PhillippeAriès) a utilização de fontes diversas (como relatos de viajantes e notícias de jornal) e as abordagens multidisciplinares. Sobre o assunto ver: BURKE (1997).



fazer uma associação simplista sugerindo a antecipação de Freyre em relação à historiografia francesa, Burke ressalta que o escritor pernambucano merece ser lembrado como um vínculo importante entre a *New History* norte americana (em voga quando Freyre era um estudante nos Estados Unidos, de 1918 a 1921) e a *Nouvelle Histoire*: “o caminho de Nova York à Paris passou por Recife.” (BURKE, 1997, p. 11).

Partindo das constatações de Nedel e Pesavento e da sugestão de Burke, não é de todo despropositado sugerir aqui que se o percurso de Nova York à Paris passou por Recife, também houve uma extensão do caminho de Recife a Porto Alegre, via Freyre, principalmente a partir dos anos 1940, quando este realiza algumas viagens ao estado. Essa aproximação será empreendida neste artigo, acrescentando à descrição da narrativa de Damasceno a oposição ao paradigma tradicional segundo o qual a história diria respeito, sobretudo, à política<sup>9</sup>.

Nesse sentido, o autor inicia o texto chamando a atenção para a arquitetura dos sobrados porto-alegrenses, também mencionando marginalmente o casario pelotense e rio-grandino. As Sacadas funcionam na narrativa como testemunhos da presença portuguesa na região: “A sacada, que o português tomou com tanta discrição ao nobre e austero acêrvo arquitetônico dos romanos, teve larga aplicação no Reino. E dali se transferiu para as colônias, nelas conservando os traços expressivos e capitais da adaptação conveniente.” (FERREIRA, 1974, p. 45). As habitações domésticas urbanas também certificavam a semelhança do aspecto arquitetônico local com o do Nordeste brasileiro: “Gilberto Freyre reparou logo, aqui, na parecnça, no parentesco do nosso sobrado com os do Norte. A semelhança é, realmente, flagrante, e de um modo geral não há diferenças grandes entre uns e outros.” (1974, p. 47).

A propósito da referência de Damasceno a Gilberto Freyre, cabe aqui um comentário sobre o III Congresso Sul-rio-grandense de História e Geografia, realizado em 1940 na capital e no qual Gilberto Freyre apresentou o trabalho “Sugestões para o estudo histórico-social do Sobrado no Rio Grande do Sul”. O evento marcava a passagem do bicentenário de Porto Alegre e fora organizado pelo IHGRGS. O que Freyre afirma em sua apresentação, basicamente, é que o Nordeste e o Rio Grande do Sul se encontravam pelas janelas do

---

<sup>9</sup> De acordo com Burke (1992), essa seria uma das características da nova história francesa praticada antes mesmo da fundação de revista dos *Annales*, em 1929. Não há indícios de que Damasceno tenha tomado contato com essa literatura. Atribuo este aspecto de sua obra não apenas à influência da nova metodologia de Freyre no Rio Grande do Sul, mas, principalmente, à sua oposição à narrativa heroicizante praticada no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul desde a fundação da congênere regional do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.



Sobrado, uma vez que ambos demonstravam uma ancestralidade lusitana, apesar das diferenças do meio e da formação histórica<sup>10</sup>. O sociólogo inicia sua fala incentivando o estudo sistemático do sobrado no Rio Grande do Sul:

Estou certo de que um estudo mais demorado do assunto, acêrca do qual quase me limito aqui a falar como puro impressionista, revelará, sob a aparência de unitarismo absoluto, variação regional nos tipos de sobrados de origem portuguesa das várias regiões brasileiras. Revelará, na extremadurabrasileira do Sul, predominância de traços de técnica e de sociologia de habitação nobre das cidades - o sobrado - peculiares a esta área ou região. Mas tanto a impressão que guardo dos muitos sobrados vistos no extremo meridional do Brasil, como o exame de fotografias que consegui reunir de casas de um e dois andares, ou simplesmente assombrados, de cidades e vilas do Rio Grande do Sul, indicam que tais peculiaridades são mínimas, sendo mais numerosas e evidentes as semelhanças dos sobrados do Sul com os sobrados do Norte e das demais regiões brasileiras em que êsse tipo de arquitetura floresceu com característicos nítidamenteportuguêses. (FREYRE, 1943, p.1)

Considerando o papel que Damasceno desempenhava em um *lugar social*(CERTEAU, 1980) a partir do qual prescrições e interdições impactavam sua escrita, o advento da publicação de *Sacadas e Sacadinhas* no segundo volume da *Revista Província de São Pedro*<sup>11</sup> parece sugerir que o autor atendeu quase que literalmente a sugestão e expectativa de Freyre<sup>12</sup>, indo ao encontro ou partilhando, por outro lado, das expectativas de seus pares pela renovação da identidade regional<sup>13</sup>. O estudo da casa, portanto, era um caminho possível para

---

<sup>10</sup> Para Freyre a casa é um microcosmo da nação, espécie de uma mestiçagem não só racial, mas, acima de tudo, cultural. A partir da habitação doméstica o sociólogo recolhe detalhes e objetos da vida cotidiana, mostrando como a técnica se adaptou ao meio tropical, mantendo as marcas da cultura de base lusitana. Assim, a linha da miscigenação se expressaria em um hibridismo cultural, “*dado a ler pela materialidade das coisas e evidenciando como, a partir do modelo reduzido – a casa –, era possível enxergar a própria nação.*” (PESAVENTO, 2006, p. 260).

<sup>11</sup> Para Rodrigues (2010), a publicação da Revista Província de São Pedro (PSP), iniciada em 1945, foi uma reação da intelectualidade local às novas condições nas relações centro/periferia, em oposição ao centralismo cultural e também ao antigo regionalismo “saudosista” em nome dos “autênticos valores do passado”. O que estava em questão não era mais “gauchizar” o Brasil, mas sim pleitear o lugar dos intelectuais da província no contexto nacional. Esses intelectuais não estavam mais associados prioritariamente a um “projeto político”, como quando da fundação da *Revista do Globo* (1929). Sendo assim, será assumido aqui que, nos anos 1940, a intelectualidade envolvida na PSP se redirecionava dos projetos de intervenção política mais direta a um projeto de acentuado caráter cultural.

<sup>12</sup> Guilhermino César, em artigo publicado em sua coluna no Correio do Povo quando do falecimento de Athos, rememora a apreciação positiva de *Sacadinhas* pelo sociólogo: “Gilberto Freyre, se não me engano, foi o primeiro autor de categoria nacional a estimular, no então cronista de Porto Alegre, o gosto pelos flagrantes sociais profundos. Athos havia publicado um pequeno estudo, acompanhado de esboços a pena, sobre sacadas e sacadinhas da cidade. Uma delícia, quer como expressão, quer como observação, e sobretudo pela forma como valoriza, despretensiosamente, uma arte hoje desprezada entre nós - a dos serralheiros de factura europeia [...]. Foi partindo daí, da arte viva do povo, que Athos Damasceno (ele próprio desenhista amador de grande habilidade) começou a interessar-se pela decoração de nossos ambientes provinciais.” (CESAR, 1994, 138-139).

<sup>13</sup> A repercussão das viagens de Freyre ao Rio Grande do Sul, como apontam Pesavento (2006) e Nedel (2007) foi positiva entre os intelectuais do estado. Isso é observável nas palavras de Moysés Vellinho, editor da PSP, em





harmonizar as representações da região às da nação. Assim, a partir das trocas com o autor que se tornou cânone, “*Das janelas do sobrado, via-se o Brasil. O Rio Grande estava ‘em casa’*”. (PESAVENTO, 2006, p. 276).

A *retórica da identidade* de Athos Damasceno possui, então, dois eixos centrais: o predomínio do elemento açoriano na definição do *gaúcho-brasileiro* (e eu arriscaria dizer, *da gaúcha-brasileira*) e o elemento da *cultura*,<sup>14</sup> no sentido amplo do termo, como fator relevante na constituição dessa identidade. Assumindo a existência desta retórica, é pertinente atentar a alguns aspectos da composição da narrativa do autor.

Na *fase escriturária/literária* da representação historiadora, que é a terceira etapa da operação proposta por Paul Ricoeur (2007), manifesta-se a dimensão retórica da historiografia. Levar em conta este aspecto implica considerar o *estilo* do historiador<sup>15</sup> no sentido de que ele é um dos recursos do *momento retórico* na composição da narrativa

---

1946, quando o periódico republica o artigo de Freyre: “Depois de sua obra, produto de uma cultura severamente empreendida, sentimos que já não somos, que nunca fomos uma simples expressão geográfica.” (VELLINHO, 1946, p. 6 apud PESAVENTO, 2006, p. 274).

<sup>14</sup> No caso da noção aplicada à descrição da obra de Damasceno, é adequado afirmar que no autor está presente uma noção ampla de cultura e, em relação ao cotidiano, a preocupação com o mundo da experiência comum. As dificuldades em definir o conceito de cultura, bem como o de cotidiano, já foram apontadas por Peter Burke: “Uma razão para a dificuldade de definir a história da cultura popular é que a noção de “cultura” é algo ainda mais difícil de precisar que a noção de “popular”. A chamada definição “operahouse” de cultura (como arte erudita, literatura erudita, música erudita etc.) era restrita, mas pelo menos era precisa. Uma noção ampla de cultura é central à nova história. O estado, os grupos sociais e até mesmo o sexo ou a sociedade em si são considerados como culturalmente construídos. Contudo, se utilizamos o termo em um sentido amplo, temos, pelo menos, que nos perguntar o que não deve ser considerado como cultura?” (BURKE, 1992, p. 7).

<sup>15</sup> Na tipologia proposta por Gay (1990) encontramos diferentes estilos. Há o estilo em sua acepção estrita, isto é, o *estilo literário* para o qual o manejo das frases, os recursos retóricos e o ritmo da narração são aspectos importantes. Se estes elementos são característicos e habituais tornam-se indicadores de questões mais amplas e mais profundas. Para Gay, os recursos literários são instrutivos nem sempre pelas respostas conclusivas que dão, mas pelas questões fecundas que levantam acerca das questões centrais e interpretações gerais do historiador, o estado em que se encontra sua arte, as crenças essenciais de sua cultura, e, quiçá, os vislumbres que capta de seu objeto. É neste estilo que me deterei. Também temos, na acepção mais vaga do termo, o *estilo emocional* do historiador: seu tom de voz tal como surge na tensão ou no repouso de suas orações, seus adjetivos preferidos, sua escolha de episódios ilustrativos, suas tônicas e seus epigramas. Gibbon, por exemplo, ao caracterizar o imperador Augusto como “artificioso” está apenas nos dizendo que o imperador era artificioso, mas distribuída com prodigalidade ao longo de várias páginas, a palavra “artificioso” começa a arrastar consigo acúmulos de sentido, e converte-se em um emblema da avaliação cínica de Gibbon sobre o Império, indício não só do que enxergava, mas do que ele, enquanto historiador individual, estava mais apto a enxergar. O *estilo profissional*, isto é, o hábito do historiador pesquisar e apresentar provas oferece outros indícios significativos e aponta para além de si mesmo. É um convite a inferências mais sutis e mais abrangentes do que os juízos sobre sua competência ou afã. O *estilo de pensamento*, por fim, aponta para afinidades intelectuais. Os diferentes tipos de estilo compõem uma rede de indícios que apontam uns para os outros e, somados, para o homem: o historiador em atividade.



(RICOEUR, 2007, p. 249). No caso de Athos, como já foi apontado por diversos de seus comentadores, destaca-se a *ironia*<sup>16</sup>.

Damasceno divide o texto em seções que abordam os principais usos das “sacadinhas”, porquanto elas tinham muitas utilidades. Em cada um dos tópicos sobressai-se um estilo de escrita concomitantemente *terno* e *irônico*, no qual se percebe uma preocupação com a composição da narrativa e com a linguagem. Um exemplo dessa marca é o trecho da primeira página da seção *as sacadas e nossas avós*:

Enquanto nas sacadas, as espôsas fuxicavam, alinhavam ou pespontavam - os esposos, aproveitando o ensejo, escapuliam sorrateiros pelas jantaradas e regabofes diurnos que exuberavam por aí, quando a cidade era grave demais para cabarés escancarados...Do bom tempo dêsses ateliers ao ar livre, algumas famílias respeitosas da tradição guardam ainda enternecedoras lembranças, delicadas reminiscências, que comovem como autênticas relíquias do passado e verdadeiras obras de arte caseiras. (FERREIRA, 1974, p. 49-50)

As relíquias do passado às quais o autor se refere são os “*guardanapinhos de croché, xales de lã e mantilhas de seda*”, confeccionados nas sacadas que eram as salas de costuras e atelier de bordados e rendas das “nossas avós”. A afetuosidade da expressão “*enternecedoras lembranças*” não anula a ironia subjacente ao fato de que elas são marcas de um “bom tempo” em que os “nossos avôs” “escapuliam sorrateiros” em busca de diversões diurnas e noturnas. A presença da ironia na representação do passado realizada pelo historiador aponta para uma perspectiva crítica em relação ao tempo pretérito. A impressão que essa marca da narrativa do autor transmite é de que os tempos de antanho não são necessariamente melhores do que os atuais, como é recorrente na narrativa dos memorialistas. Ao usar expressões que invocam a ternura de outros tempos através do emprego frequente de formas no diminutivo e combiná-las com seu estilo irônico, o narrador indica a positividade dos tempos de outrora e, simultaneamente, seus aspectos nem tão louváveis assim<sup>17</sup>.

<sup>16</sup> Diversos críticos do autor já destacaram seu estilo irônico simultaneamente terno e bem-humorado, tais como Guilhermino Cesar (1994; 1979). Um estudo sobre a ironia em Athos Damasceno pode ser encontrado em PAPALÉO (1996).

<sup>17</sup> Nesse sentido, remeto à entrevista na qual Athos afirma que não sentir saudades da Porto Alegre do passado: “Apesar de todos os pesares, não tenho saudade da cidade de outrora, tenho saudade de mim mesmo, do Athos Damasceno Ferreira de 20 anos, que evidentemente, não pode ser comparado ao Athos Damasceno Ferreira de 73 anos, apesar que este último saiba muito bem o que vale a experiência [...]. A cidade que faz parte da minha infância, da minha geografia sentimental é uma, a cidade que está aí, viva, é outra. Esta, enquanto me oferece perigos e riscos, me oferece condições de vida mais agradáveis. Apesar da falada poluição do Guaíba, temos águas limpa, iluminação, pavimentação mais adequada, recursos e várias outras coisas.” (FERREIRA, 1974, Entrevista, p. 23)



O fato de reservar uma posição de problematização do passado não o impede de reivindicar certas permanências para com ele, como ocorre em uma das poucas passagens em que o escritor evoca *memórias suas* a fim de convencer de que há um passado comum a ser comungado com o leitor: “*Qual dos senhores, acaso, será capaz de dizer que não se lembra de ter visto, através do simpático gradil das nossas sacadas, espaçosas senhoras ou espigadas mocinhas, entaladas em cadeiras de braço ou de balanço, às voltas com bilros, agulhas e bastidores?*” (p. 49). Essas senhoras são as “nossas avós”. A passagem indica que a continuidade a ser mantida entre passado e presente é aquela necessária para amparar uma identidade respaldada na memória compartilhada dos “nossos antepassados portugueses”, cujos costumes tanto informam sobre o pertencimento português da região<sup>18</sup>.

Uma das estratégias narrativas mais utilizadas por Athos Damasceno é a sua constante integração ao objeto de investigação, observável em inúmeras passagens nas quais são utilizadas expressões construídas com o emprego da primeira pessoa do plural: “nossos avós portugueses”, “nossos antepassados”. Tal estratégia parece ser acionada para remeter o leitor a uma continuidade entre passado e presente, o que leva ao fortalecimento da identidade que se quer conformar. Essa presença do escritor no texto foi observada por Fernando Nicolazzi (2008) em pesquisa sobre *Casa Grande & Senzala*. Conforme o autor, ao suprimir do interior do texto o hiato temporal que recorta na experiência um antes e um depois e separa o “nós” no presente do “eles” no passado, Gilberto Freyre estabelece um plano homogêneo a partir do qual não apenas se pode falar do passado, mas, especialmente, é possível falar em nome do passado.<sup>19</sup> A questão remete à problemática das relações entre memória e história, abordada por Paul Ricoeur (2007).

De acordo com o filósofo, a memória é fonte privilegiada do conhecimento histórico e existe, entre memória e história, uma relação dialógica, não sendo elas nem sinônimas tampouco opostas entre si. Dessa forma, há um vínculo de reciprocidade no sentido de que ambas compartilham a problemática da representação do passado. Nessa relação, compete a história o exercício regulado da memória e do esquecimento, no intuito de conter seus abusos.

---

<sup>18</sup>Nesse sentido, lembremo-nos da advertência de Pollak, segundo o qual a *memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade*, na medida em que ela é um fator extremamente importante da ideia de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992).

<sup>19</sup>Para Nicolazzi, em Freyre tal aspecto leva a configuração de uma identidade amparada na concepção de tempo homogêneo que oculta as rupturas entre passado e presente, “*juntando em um mesmo plano temporal tanto o menino de engenho quanto seu avô patriarca, com o desejo nostálgico ou melancólico de evocação do que passou, e por uma projeção da memória coletiva de todo um povo, o ‘povo brasileiro’.*” (NICOLAZZI, 2008, p. 268).



A memória, porém, é a matéria-prima da história, pois é a garantia de que algo aconteceu no passado e é sua matriz. Desse modo:

Será preciso, contudo, não esquecer que tudo tem início não nos arquivos, mas com o testemunho, e que, apesar da carência principal de confiabilidade do testemunho, não temos nada melhor que o testemunho, em última análise, para assegurar-nos de que algo aconteceu, a que alguém atesta ter assistido pessoalmente, e que o principal, senão às vezes o único recurso, além de outros tipos de documentação, continua a ser o confronto entre testemunhos.” (RICOEUR, 2007, p. 156)

Além da integração de Athos ao seu objeto de investigação, que, por um lado, sugere a relevância da memória na sua representação do passado elaborada em “Sacadas e Sacadinhas” e, por outro lado, é uma estratégia para evocar a memória coletiva da região acionada por recurso ao testemunho dos seus leitores, também é frequente a recorrência ao arquivo, embora sem referência em nota de pé de página, nem remissão às obras consultadas em referências bibliográficas<sup>20</sup>. A propósito do assunto, cabe mencionar o uso das fontes na narrativa do autor.

No que toca à *fase do arquivo* em Damasceno, destaca-se a variedade de fontes com as quais trabalha, tais como relatos de viajantes, inventários, diários, livros de receitas, e almanaques de época. Entre todas elas, porém, há uma preferência pelo jornal<sup>21</sup>. O autor explica em artigo publicado no *Correio do Povo*, em 1947, sua trajetória de pesquisa nos precários arquivos de Porto Alegre, tendo apelado para coleções particulares, além de arquivos e bibliotecas públicas para escrever suas *Imagens Sentimentais da Cidade* (1940). Após a incursão aos arquivos o escritor percebeu que conhecia uma história do estado que

---

<sup>20</sup> Apesar do descuido na forma de proceder à citação, frequentemente realizadas de modo incompleto, como em frases do tipo “*num jornal do fim do século passado li esta notícia [...]*” (FERREIRA, 1974, p. 50) a remissão às fontes de arquivo é frequente. A desatenção à citação das fontes presente em Damasceno já foi apontada por Sérgio da Costa Franco (1975): “Tudo nele espelhava, afinal, a maior virtude de um pesquisador, que é a honestidade intelectual. Embora não tenha tido a cautela de indicar em notas de rodapé as fontes de suas investigações de arquivo, nenhuma de suas assertivas deixa de repousar em informação segura e comprovada. Basta percorrer as coleções de jornais da biblioteca pública, para que ali ainda se encontre o vestígio do lápis incansável de Athos Damasceno, em busca de dados sobre a vida cultural da Província.” (FRANCO, 1975, p. 11).

<sup>21</sup> Nas palavras do escritor: “Nenhuma fonte, porém, me pareceu mais viva, mais rica de informações e esclarecimentos do que a imprensa. Sou contrário às exclusões precipitadas e não acredito que se possa fazer história sem a utilização de todos os meios de pesquisa e o aproveitamento de toda sorte de notícias – as importantes e as secundárias, as corriqueiras e as sensacionais. Um historiador, um sociólogo, não pode desprezar nenhum dado de alucinação, por miúdo que seja. Uma informação dispensada, por desnecessárias, em determinado estudo, assume em outro uma importância decisiva. Do conjunto de todos esses dados, informações e notícias é que podemos extrair conclusões seguras da marcha dos acontecimentos e apanhar o sentido, quase sempre obscuro do fenômeno social e do seu processo histórico. O jornal – como a própria palavra está indicando – constitui o registro quotidiano dos fatos mais diversos e fornece ao estudo um manancial informativo de incalculável valor.” (FERREIRA, 1947, 21)



ainda poderia ser reescrita, colocando em xeque as interpretações correntes sobre o passado do Rio Grande do Sul:

No dia em que esse material, ora disperso, estiver reunido e classificado, acredito muito nas surpresas que estarão reservadas aos afoitos e na total inversão de muitos juízos, hoje correntes e tidos como definitivos, acerca da nossa evolução social. De minha parte, confesso ter sentido diante do que via a perfeita sensação de uma descoberta. Eu conhecia uma história do Rio Grande do Sul mas não a História do Rio Grande do Sul. (FERREIRA, 1947, p. 21)

Depreende-se do depoimento de Damasceno que, a partir do “mergulho nos arquivos”, teve início a reconversão do seu percurso intelectual, rumo à reescrita da história da região. O Athos escritor de história se revela ao público leitor a partir de então.<sup>22</sup> A representação do passado de Damasceno, elaborada a partir desta reescrita estava fundada, pois, na erudição documentária e na abordagem do cotidiano, entrada por meio da qual direcionou seu olhar a outros atores sociais, os quais habitavam a cidade e pertenciam a camadas sociais diversas, e a outros processos, tais como o advento da técnica da fotografia no estado.

Nesse sentido, “Imagens Sentimentais da Cidade” (1940) é o trabalho por meio do qual o autor ingressa, de forma preliminar, nos estudos históricos “*prelúdio de uma grande maratona, personalíssima, de documentação do passado histórico do estado*” (FRANCO, 1975, p.11). O livro foi premiado no concurso “Roteiro Sentimental da Cidade”, promovido pela prefeitura municipal de Porto Alegre em homenagem ao bicentenário da cidade. A narrativa, apesar de se valer de documentação arquivística para escrever sobre a cidade de outrora, denuncia as marcas do lirismo do ficcionista, atenuada com o tempo, mas persistente em toda sua produção de história. O tom da narrativa aproxima-se da crônica e a publicação pode ser interpretada como um “texto de transição” entre a escrita do Athos ficcionista e a do historiador. Sua relevância para a trajetória do pesquisador, entretanto, é fundamental. É em função da pesquisa realizada para a elaboração desta obra que Damasceno descobre a potencialidade do arquivo e do jornal como fonte histórica<sup>23</sup>. Analisemos mais de perto este livro.

---

<sup>22</sup>Em 1944 o autor publicou pela primeira vez um estudo reconhecido pelos pares como sendo de pesquisa histórica. Chama-se *Jornais Críticos e Humorísticos de Porto Alegre no século XIX*, publicado pela Editora Globo.

<sup>23</sup> No artigo para *O Correio do Povo*, sete anos após a publicação, ao explicar sua trajetória de investigação, o autor lamenta o estado da documentação sobre o passado do estado: “O estudioso que quizer tratar do mais vulgar assunto do Rio Grande haverá de suas muito para levar a cabo a empreitada. A tarefa que lhe parecerá simples a princípio, se transformará depressa em verdadeira aventura. Foi o que sucedeu comigo. Para dar conta



“Imagens Sentimentais” pode ser lido como uma denúncia do apagamento das marcas da cidade de outrora, visto que o autor mostra-se consternado diante do contexto de “aceleração da temporalidade” experimentado pelos porto-alegrenses já na primeira metade do século XX. É esta face da obra que será aqui destacada. Sua escrita é uma espécie de apelo e, ao mesmo tempo, um alerta, do esquecimento da “cidadezinha provinciana” tão amável do século XIX. A estratégia narrativa operacionalizada pelo autor é dar voz a um suposto “alguém que atira as perguntas ansiosas”:

- Que é de ti, Porto Alegre?
- Que é dos teus jardins, das tuas ruas, dos teus becos, das tuas torres, dos teus portões e dos teus beirais? [...]
- Que é, que é de tudo?
- Que é das charadas do “Almanaque Luso brasileiro”?
- Que é das cadeiras nas calçadas? [...]
- Será que não existe mais nada? Mais nada? (FERREIRA, 1940, p. 194)

Às indagações acima, o autor responde que sim, ainda existe algo dos tempos passados: “*Existe a saudade que, no meio da multidão indiferente que lhe vira as costas, não sabe a quem vai transmitir a comovida mensagem do Passado.*”(FERREIRA, 1940, p. 194). Para Athos, o passado não é ouvido pela “geração-multidão” dos anos quarenta, que só fixa seu olhar no futuro. Desse modo, ao buscar, por meio de suas pesquisas sobre a história da cidade, lembrar a coletividade de que há uma mensagem que o passado tem para o presente, o autor transforma-se em um tipo de “mensageiro do passado”. Observemos parte do recado:

É curioso notar como o portoalegrense, apesar do contato crescente que vem tendo com as mais variadas culturas do mundo, conserva no fundo a marca iniludível do seu passado que se adapta, não há dúvida, às novas condições que lhe possam ser impostas, mas que resiste, na essência, ao poder transformador das novidades. Olhando para trás vemos como somos parecidos com os nossos antepassados. Parecidos em tudo. Por fora e por dentro. De fachada e de caráter. A sociedade portoalegrense atual não perdeu nenhum dos traços capitais que caracterizaram a sociedade colonial, de tipo açoriano, que está nos pródromos da nossa formação social. Como os açoritas que “eram absolutamente conservadores no tocante aos costumes domésticos e práticas de sociabilidade, e viviam portas a dentro dos

---

do recado, modestíssimo sem dúvida, esbofetei-me durante dias e dias, apelando para arquivos, bibliotecas e coleções particulares. A experiência não me foi agradável. Foi-me útil porém. Então, tive oportunidade de travar conhecimento com uma documentação histórica de boa qualidade, variada e sugestiva [...]. Uma das fontes de consulta que mais me fascinaram, então, foi o jornal. Mas, monografias, livros de viagem, autos, inventários, relatórios representaram para mim elementos de evidente e inquestionável interesse, no exame e interpretação dos mais diferentes e complexos aspectos da nossa vida. Nenhuma fonte, porém, me pareceu mais viva, mais rica de informações e esclarecimentos do que a imprensa. Sou contrário às exclusões precipitadas e não acredito se possa fazer história sem a utilização de todos os meios de pesquisa e o aproveitamento de toda sorte de notícias – as importantes e as secundárias, as corriqueiras e as sensacionais.” (FERREIRA, 1947, p. 21)



povoados sem nada perder de seus hábitos” – os seus descendentes mantêm ainda agora, indene de influências exóticas, o complexo de suas tradições [...]. Guardadas as necessárias proporções, *somos hoje o que foram ontem os nossos avós e os nossos pais, quer na vida privada, quer na social*. Do austero sentimento de solidariedade entre os parentes, em casa, até as festas populares na rua – nada mudamos [...].” (FERREIRA, 1940, p. 65-67, grifos meus)

Eis o comunicado: os porto-alegrenses têm uma ascendência açoriana e isto deve permanecer consciente.<sup>24</sup>O que deve ser preservado do passado, portanto, está diretamente ligado àquilo que serve para definir a identidade local.

Outra questão a enfatizar é que a escrita de Damasceno também atua no sentido de estabelecer permanências e continuidades em relação ao passado. Se a identidade deve ser preservada como algo constante, é necessário romper com alguns outros aspectos do passado. Isso fica evidente quando o autor nos lembra da falta de higiene na cidade de outrora, da precariedade da iluminação pública, do transporte público e do tratamento de esgoto da capital. O progresso experimentado pela “geração-multidão” trouxe benefícios inegáveis e o autor os ressalta. Novamente, ele demonstra que não compreende o passado como um campo repleto de positivities:

[...] ruas e ruelas daquele tempo não eram nada inspiradoras... Estreitas e acidentadas, sujas e sombrias, a impressão que davam não era de ruas de uma cidade nascente e sim de cidade velha e abandonada. Pavimentadas de pedras irregulares, com calçadas rasas e sem largura, as sarjetas atulhadas de bôrras e patuscos – andar por ali não seria propriamente agradável. Saint’ Hilaire, tão camarada sempre de Pôrto Alegre, não se conteve: “Percebe-se logo que Porto Alegre é uma cidade muito nova. Tôdas as casas são novas e muitas ainda estão em construção. Mas, depois do Rio de Janeiro, não vi cidade tão suja, talvez mesmo mais suja que a Metrôpole...”. Era, realmente, bem imunda a Cidade. [...]. Pois a rua da Praia, apesar de suas lojas, das suas firmas e do seu movimento, era feíssima, maltratadíssima e sujíssima... Os becos eram piores ainda, é claro. Corredores íngremes, esburacados e fedorentos, a população cruzava-os apertando o nariz.” (FERREIRA, 1940, p. 15-16)

De fato, o progresso trouxe consigo confortos imensuráveis. No presente da escrita do autor, entretanto, ele serve de móvel para a complexificação das relações entre passado, presente e futuro. Para compreendermos melhor esta cidade que se oferece aos olhos do autor, é interessante observarmos a análise de Sandra Pesavento (1995). Ao referir-se à modernidade

---

<sup>24</sup>É fundamental ressaltar aqui que a história do cotidiano de Athos Damasceno reserva papel expressivo para a contribuição dos negros e dos imigrantes alemães para o “complexo das nossas tradições”. Para as finalidades deste artigo, entretanto, esta questão não será aprofundada. Tal faceta da produção do autor é parte do objeto da pesquisa de mestrado desta autora, que se encontra em desenvolvimento.



na capital, a autora aborda o problema da dificuldade de se conceituar a cidade de então como uma “metrópole”, uma vez que ela não poderia ser comparada às suas contemporâneas Nova Iorque, Paris ou mesmo São Paulo. Dessa forma, Pesavento questiona: “*Mas e o que pensar de uma Porto Alegre dos anos 30 do nosso século, acanhada segundo os padrões urbanos vigentes, e que é referida pelos contemporâneos como metrópole, vivenciando um “ritmo alucinante” de “progresso” e desenvolvimento, tal como dizem os periódicos da época?*” (1995, p. 282-283). A resposta oferecida auxilia a compreender o *locus* de formulação da representação da capital de Damasceno

Devemos entender que o espaço construído, ordenado e transformado – pela destruição dos becos, a abertura da avenida Borges de Medeiros, a construção do viaduto – suscitava sensações, percepções, e a elaboração de representações para aqueles que vivenciavam o processo de mudança na cidade. Sem dúvida, estas vivências eram testadas frente ao consumo de padrões de referência já estabelecidos: as largas avenidas, os viadutos ou o saneamento urbano, com a “varrida dos pobres” do centro da cidade, eram práticas sociais ligadas ao conceito de cidade moderna e da civilização. Exigências morais, higiênicas e estéticas imperiosas se impunham diante da necessidade de “ser” e “parecer” moderno. Mesmo que o processo de renovação urbana em curso não se aproximasse, em termos de escala, dos das metrópoles reais que suportavam o conceito, a população afetada pelas demolições vivenciava a situação como pertinente ao acesso à modernidade. Em suma, os porto-alegrenses sentiam a sua cidade como metrópole e a representavam como tal em crônicas de jornais, poesias, imagens e discursos variados. (PESAVENTO, 1995, p. 282-283).

As transformações decorrentes das inovações tecnológicas e da urbanização da cidade levaram, pois, a uma percepção, pelos porto-alegrenses, de *aceleração* do tempo. No caso de escritor aqui analisado, o *presente* acelerado inaugura um questionamento do progresso, sobretudo dos seus efeitos na mentalidade coletiva. As vantagens do progresso são significativas, não há dúvida. A questão é que as potenciais consequências dele tributárias são funestas, uma vez que implicam na instabilidade do elo entre o passado e o futuro. No presente, o porto-alegrense apressado das multidões fragiliza as conexões entre as temporalidades. É possível sugerir que Damasceno elabora, então, um questionamento do *regime moderno de historicidade* no sentido de que o futuro já não é mais tão exaltado e há uma evidente preocupação em estabelecer continuidades entre passado, presente e futuro, observável em trechos como este:

Amanhã, dificilmente se há de identificar na fisionomia urbana, a cada momento alterada, o parentesco da cidade nova com o vilarejo que o açoriano descuidoso amou, de improviso, nas duas faces acidentadas do





promontório. O portoalegrense não saberá mais o que foi a subida de São Jorge. Ninguém lhe dirá do destino dos riachinhos ativos que fizeram o desenho caprichoso do Dilúvio. E as avenidas que se rasgam, todos os dias e em todos os sentidos, nada lhe falarão das ruelas apertadas onde se levantou o sobradinho feio do antepassado barbaçudo e onde estão enterradas as raízes da sua ascendência. (FERREIRA, 1940, p. 11)

Penso, portanto, que a escrita de Athos é uma tentativa de reconectar as temporalidades e também indício de uma *crise no tempo*, tal qual descreve François Hartog (2013). Em função das decepções decorrentes da experiência das transformações do espaço urbano, que trazia consigo a ditadura do relógio e desestruturava os laços e espaços de sociabilidade, nem o futuro, tampouco o passado orientam a ação destes homens e mulheres. Diante de um presente marcado pela fugacidade e pelas impermanências, o escritor oferece uma permanência a ser preservada: a *identidade* da coletividade, que “permanece a mesma” desde os tempos da cidade de outrora.

## Considerações finais

A partir da análise de alguns textos de Athos Damasceno, escritos nos anos 1940, é possível concluir que a representação do passado da cidade desenvolvida em sua *retórica da identidade* atua no sentido de produzir certo discurso ligado à conformação de um pertencimento nacional da coletividade regional. Essa *retórica* busca ressaltar duas questões principais: o predomínio do elemento açoriano na definição do *gaúcho-brasileiro* e o elemento da *cultura*, destacado por meio do estudo do cotidiano da cidade, como fator relevante na constituição dessa identidade.

Outras questões que emergem da narrativa do autor são a fragilidade da identidade da sociedade porto-alegrense em função da modernização da cidade, a alteração das relações do autor e da sociedade com o *tempo* e a ampliação da identidade regional a outros grupos, operada na narrativa do autor, elaborada com base em fontes de pesquisa diversas, especialmente o jornal. Dessa forma, por meio do estudo do passado cultural da Capital, Athos Damasceno inicia sua tentativa de reescrita da história da região.

É possível afirmar, por fim, que o autor buscou dar a ver uma identidade consistente para os habitantes da cidade enquanto *locus* representativo da região. A solidez dessa identidade é conferida através do estudo dos costumes, práticas e manifestações culturais caracterizadas por uma influência açoriana. Essa elaboração é uma via de mão dupla, que serve tanto para afirmar a continuidade no tempo de uma identidade local, fragilizada em



razão das experiências do presente, quanto fator de aproximação do Rio Grande do Sul com o Brasil.

## Referências bibliográficas

- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 3. ed. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- BURKE, Peter (org.). **A escrita da História: novas perspectivas**. Trad. de Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 1992.
- BURKE, Peter. Gilberto Freyre and the *new history*. **Tempo Social**; Revista de Sociologia. USP, S. Paulo, 9(2), 1-12, out. 1997.
- CERTEAU, Michel. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CÉSAR, Guilhermino. **História da Literatura no Rio Grande do Sul: 1737- 1902**. Porto Alegre: Globo, 1956.
- \_\_\_\_\_. Introdução e bibliografia de Athos Damasceno. In: FERREIRA, Athos Damasceno. **Poesias reunidas**. Porto Alegre: Globo, 1979, 208 p.
- \_\_\_\_\_. **Notícia do Rio Grande**. Porto Alegre: IEL, UFRGS, 1994.
- FERREIRA, Athos Damasceno. Herói é o homem de todos os dias. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 22 de dez. 1974. Entrevista à Susana Sondermann, p. 23.
- \_\_\_\_\_. **Colóquios com a minha Cidade**. Porto Alegre, Ed. Globo, 1974.
- \_\_\_\_\_. O Anedotário e seu estudo. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 21 de set. de 1947.
- \_\_\_\_\_. Sacadas e Sacadinhas Porto-Alegrenses. **Província de São Pedro**. Porto Alegre: Globo, v. 1, n. 2, set. 1945, p. 63-76.
- \_\_\_\_\_. **Imagens Sentimentais da Cidade**. Porto Alegre, Ed. Globo, 1940.
- FRANCO, Sérgio da Costa. Aqui confluem todos os anos os melhores amigos do livro. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 25 out. de 1975, p. 11.
- FREYRE, Gilberto. **Continente e Ilha**. Conferência lida na Biblioteca do Estado do Rio Grande do Sul, em 19 de novembro de 1940. Publicada pela Casa do Estudante do Brasil, em 1943. Incluída no livro *Problemas brasileiros de antropologia*, publicado em 1943. Disponível em: <<http://bvfgf.fgf.org.br/portugues/obra/discursos.html#1940>>. Acesso em: 20 set. 2012.
- \_\_\_\_\_. Uma Cultura ameaçada: a luso-brasileira. Recife: **Officina do Diário da Manhã**, 1940. 88p. Disponível em: <[http://bvfgf.fgf.org.br/portugues/obra/opusculos/uma\\_cultura\\_ameacada.htm](http://bvfgf.fgf.org.br/portugues/obra/opusculos/uma_cultura_ameacada.htm)>. Acesso em: 28 fev. 2013.
- GAY, Peter. **O Estilo na História**. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.
- GUTFREIND, Ieda. **A historiografia rio-grandense**. 2. Ed. Porto Alegre: UFRGS, 1998.



HARTOG, François. **Regimes de Historicidade**: presentismos e experiência do tempo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

\_\_\_\_\_. Tempo, história e a escrita da história: a ordem do tempo. **Revista de História USP**, vol. 148, n. 1, 2003.

MONTEIRO, Charles. **Porto Alegre e suas escritas**: História e memórias da cidade. EDIPUCRS, 2006.

MONTEIRO, Charles. Memória e esquecimento nas artes de lembrar a cidade de Porto Alegre nas crônicas de Nilo Ruschel. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, 2006a. Disponível em <<http://nuevomundo.revues.org/1534>>. Acesso em: 17 fev. 2013.

NEDEL, Letícia. **Um passado novo para uma história em crise**: regionalismo e folcloristas no Rio Grande do Sul. Brasília, 2005. Tese (Doutorado em História). ICH, Universidade de Brasília – UnB, 2005.

NEDEL, Letícia; RODRIGUES, Mara Cristina de Matos. Historiografia, crítica e autocrítica: itinerários da História no Rio Grande do Sul. **Agora**, Santa Cruz do Sul, v. 11, n. 1, p. 161-186, 2005.

\_\_\_\_\_. A recepção da obra de Gilberto Freyre no Rio Grande do Sul. **Mana**, 13(1), 2007, p. 85-118.

NICOLLAZZI, Fernando. **Um estilo de história**: a viagem, a memória, o ensaio. Sobre Casa-grande & Senzala e a representação do passado. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, UFRGS, Porto Alegre, 2008.

NICOLAZZI, Fernando; RODRIGUES, Henrique E. Entrevista com François Hartog: história, historiografia e tempo presente. **Revista História da Historiografia**, Ouro Preto/MG, nº 10, dezembro (2012), p. 351-371.

OLIVEN, Ruben G. **A parte e o todo**: a diversidade cultural no Brasil-Nação. Petrópolis: Vozes, 1992. Cap. 3, p. 47-68.

PAPALÉO, Maria Beatriz Meurer. **Athos Damasceno Ferreira**: Rivarol na Província. 1996. Tese (Doutorado em literatura comparada) – Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS, 1996.

PESAVENTO, Sandra J. A invenção da sociedade gaúcha. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, (14) 2: p. 383-396, 1993.

\_\_\_\_\_. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol.8, n.16, 1995, pp. 279-290.

\_\_\_\_\_. As leituras da memória: a cidade imaginária de um cronista do sul brasileiro (Antônio Álvares Pereira Coruja e a Porto Alegre do início do século XIX). **Anos 90**: revista do Programa de Pós-Graduação em História. Porto Alegre. n. 14 (dez. 2000), p. 47-60

\_\_\_\_\_. As janelas do sobrado: de como a parte se viu no todo. In: DIMAS, A.; LEENHARDT, J.; PESAVENTO, S. (org.). **Reinventar o Brasil**: Gilberto Freyre entre a história e a ficção. Porto Alegre, Editora da UFRGS/Editora da USP, 2006, p. 257-278.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: UNICAMP, 2007.

POLLACK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, nº 10, 1992, p. 200-212.

RODRIGUES, Mara Cristina de Matos. **Da crítica à história**: Moysés Vellinho e a trama entre a província e a nação 1925 a 1964. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, UFRGS, Porto Alegre, 2006.



\_\_\_\_\_. Regionalismo, modernidade e legitimidades intelectuais: Moysés Vellinho e Érico Veríssimo (1930 a 1964). **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.17, n.4,out.-dez. 2010, p.993-1008.

*Recebido em Julho de 2013.*  
*Aprovado em Agosto de 2013.*